

**As religiões afro-brasileiras e o ensino de história:
as contribuições da história cultural para a prática docente.**

Janderson Bax Carneiro*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo ressaltar relevância da abordagem das religiões afro-brasileiras entre os alunos do ensino fundamental, e divulgar as experiências realizadas entre os professores e alunos do município de Armação dos Búzios-RJ, a partir da investigação de possibilidades didáticas do instrumental teórico da história cultural. Sob essa perspectiva, empregamos múltiplas fontes de pesquisa, focando a diversidade cultural inerente ao espectro religioso brasileiro, empreendendo um esforço reflexivo calcado nos conceitos de representações, hibridismo cultural e circularidade, o que propiciou a leitura crítica dos manuais didáticos disponíveis no mercado editorial.

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras, ensino de história, história cultural.

Abstract: This paper aims to highlight the relevance of the approach african-Brazilian religions among students of basic education, and disseminate the experiences between teachers and students of the city of Armação dos Búzios-RJ, from research of possibilities didactic the theoretical tools of cultural history. From this perspective, use multiple sources of research, focusing on cultural diversity inherent in the Brazilian religious spectrum, taking a reflective effort based on the concepts of representations, cultural hybridism and circularity, which provided a critical reading of the teaching materials available in the publishing market.

Keywords: african-Brazilian religions, teaching of history, cultural history

Inúmeras têm sido as discussões, em âmbito acadêmico e na esfera escolar, acerca das possibilidades de construção de um processo de ensino/aprendizagem comprometido com a construção de uma perspectiva crítica, e direcionada ao exercício da cidadania, bem como o respeito às diversidades e conhecimento da pluralidade cultural constitutiva da identidade nacional brasileira. Nesse sentido, importantes trabalhos têm sido produzidos, e a publicação dos PCNs (Parâmetros curriculares Nacionais), refletem, indubitavelmente, os anseios de superação das abordagens lineares e preconceituosas. Entre os objetivos traçados para o ensino de História no referido documento, por exemplo, espera-se que o discente seja capaz de “identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços;” (BRASIL,1997:43)

Não obstante os inquestionáveis avanços do debate pedagógico e das produções acadêmicas mais recentes, uma leitura atenta dos manuais didáticos em circulação, bem como

**Universidade Cândido Mendes. Professor especialista em História do Brasil.

um olhar reflexivo sobre nossa prática docente revela-nos o fosso ainda existente entre o universo acadêmico e a realidade do "chão da escola". Assim, podemos observar que temáticas atualmente privilegiadas nas produções acadêmicas, mostram-se ausentes, ou são abordadas de forma superficial e equivocada nos livros disponíveis a alunos e professores do ensino fundamental.

Nesse sentido, questões como as religiosidades afro-brasileiras, que nos ocupam no momento, quando não são completamente negligenciadas, são apontadas de forma preconceituosa e simplista.

Entre os muitos domínios históricos recentemente visitados pelos historiadores, as religiosidades populares, mostram-se espaços privilegiados de compreensão das tensões cotidianas, cosmogonias, anseios e medos dos agentes sociais envolvidos no processo histórico analisado. O que contraria da idéia largamente difundida no senso comum de que religião não se discute. Sob essa perspectiva, o presente trabalho resulta das inquietações oriundas da prática docente, e busca focar as religiões afro-descendentes como fenômenos complexos e dialogais em relação ao contexto social mais amplo. Adotamos o instrumental teórico da história cultural, privilegiando os conceitos de circularidade cultural, representações e hibridismo.

O lócus do nosso trabalho, inicialmente discutido entre professores, é a importância do estudo das religiões afro-descendentes, e a discussão de algumas possibilidades didáticas em torno das mesmas, contribuindo para a minimização do descompasso entre as produções historiográficas e o conhecimento histórico difundido nas escolas. Com esse objetivo, buscamos compreender, de forma lata, a formação sócio religiosa do Brasil, desde o período colonial (séculos XVI ao XVIII) até a formação dos primeiros candomblés baianos, modelo de religiosidade afro-brasileira mais largamente cristalizado no imaginário popular.

A leitura crítica dos livros de história do Brasil do ensino fundamental e a observação sistemática da realidade local evidenciaram a necessidade de uma ação pedagógica autônoma, a partir da atuação do professor, também, como pesquisador, e, portanto, capaz de superar as restrições impostas pela disponibilidade de materiais didáticos apropriados.

Nesse sentido, iniciamos um processo de estudo acerca do objeto de estudo que nos ocupa, a partir da consulta as produções mais recentes acerca do tema, e participação em congressos pertinentes. Paralelamente, foram propostas a Secretaria Municipal de Educação do município, oficinas direcionadas aos professores da rede, com objetivo de apresentar novas possibilidades didáticas para abordagem das religiosidades afro-brasileiras, a partir do emprego do instrumental teórico da história cultural, e, conseqüentemente, adoção de novas

fontes. Em um primeiro momento, procuramos inventariar as produções mais recentes acerca do objeto de estudo em questão, bem como os clássicos. No ano de 2006, participamos do III Simpósio de História Cultural, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, e, posteriormente foram realizadas duas oficinas para sensibilização dos professores do município acerca da necessidade de inclusão de novos temas no ensino de história do Brasil, e para divulgar algumas experiências positivas realizadas em sala de aula, a partir de fontes diferenciadas.

Nas experiências realizadas em sala de aula foram privilegiadas a adoção de fontes documentais, cruzadas com elementos da tradição oral. Assim, procuramos captar as noções pré concebidas dos alunos acerca das religiões afro-descendentes, e do legado afro-brasileiro na cidade de Armação dos Búzios, que abriga expressiva população negra, e possui uma comunidade remanescente de quilombolas, na periferia da cidade., a praia Rasa.

Inicialmente, o discurso dos alunos no que diz respeito as religiões afro-brasileiras mostrou-se carregado de preconceitos, e as práticas sócio-religiosas em questão foram classificadas como magia negra, e sinônimos de primitivismo. Outro traço marcante das falas dos alunos foi a idéia de que as referidas práticas eram algo externo ao que eles entendem por cultura brasileira. Os ritos foram apresentados como uma marca africana a ser superada pelo processo de desenvolvimento da cidade. Existem casas de culto na cidade em que moram, mas são vistas com espanto, e apontadas como sendo algo “do outro”.

Não foi difícil perceber o quanto os livros didáticos utilizados na rede são limitados no sentido de suscitar uma perspectiva crítica nos alunos, e permitir maior compreensão do múltiplo espectro sócio-religioso brasileiro. Além disso, percebemos uma tendência a homogeneização das práticas religiosas classificadas como africanas ou afro-brasileiras. Em um dos livros, o autor chega a afirmar que “a religião do povo ioruba foi a que mais marcou presença no Brasil, trazida pelos escravos a partir do século XVIII. É o que em muitos lugares do Brasil se chama candomblé.” (Schmidt, 1999:183) Tal realidade impõe-nos, indubitavelmente, enormes desafios.

Algumas dificuldades são apontadas, ainda, pelos estudiosos das religiões afro-brasileiras. Dentre elas, podemos destacar a autonomia dos terreiros (casas de culto), o que gera a acentuação das diferenças de uma casa para outra. Organizados sob a égide da tradição oral, os terreiros abrigam uma acentuada multiplicidade de preceitos e ritos, e não contam com um livro sagrado, como as três religiões monoteístas. Distanciadas da lógica dual entre bem e mal, comum no ocidente cristão, as referidas religiosidades são alvos de preconceitos e associações estereótipos como magia negra.

Desde suas primeiras manifestações no novo mundo, no período colonial, as práticas sócio-religiosas africanas e afro-brasileiras, foram alvos de perseguição e detração. Nesse sentido, grande parte das fontes disponíveis para os estudiosos do objeto em questão, são registros deixados pela ação persecutória, como autos da visitação do Santo Ofício, boletins de ocorrência e relatos de viajantes estrangeiros, o que requer maior cuidado, não obstante a riqueza das fontes.

Para uma análise da configuração sócio-religiosa brasileira, a partir do Período Colonial torna-se imprescindível considerar-mos três matrizes importantes de nossa formação cultural: o catolicismo do colonizador, as crenças dos grupos indígenas, e as múltiplas religiões étnicas africanas aqui presentes. As matrizes apontadas não devem ser pensadas, contudo, de forma simplista ou linear. Não podemos pensar em expressões religiosas homogêneas, uniformes. Mas, repletas de imbricações e sincretismos.

Sob essa perspectiva, ao mencionar o catolicismo do colonizador, cabe nos ressaltar, seu caráter sincrético e representativo do Estado português em seu empreendimento colonial. Dotado de mecanismos de conversão obrigatória, o catolicismo interferia significativamente no cotidiano colonial, buscando evangelizar, e, claro, normatizar a vida na colônia, evidenciando uma religiosidade exteriorizada e extravagante, expressa nas festas do farto calendário eclesiástico. Nesse contexto, a invocação dos santos, enquanto mediadores, diante da realidade concreta da colônia, foi um traço marcante do catolicismo colonial, engendrando um cenário em que santos guerreiros eram aludidos como conquistadores, ao mesmo tempo em que o culto à virgem Maria, em suas múltiplas representações, era movido pelo modelo de conduta feminina esperado em uma sociedade marcadamente patriarcal.

Não obstante as restrições impostas pela Igreja aos atos considerados mágicos e supersticiosos, um dos traços mais marcantes do catolicismo no período colonial, é, paradoxalmente, seu caráter mágico. A perseguição empreendida pela Igreja não era baseada na descrença em relação aos milagres e prodígios sobrenaturais, e sim na premissa de que os mesmos deveriam ser promovidos, exclusivamente, por ela.

Díficeis de ser “reconstituídas” em sua forma original, as religiões indígenas parecem ter como ponto central o culto a natureza deificada e a figura do pajé ou xamã, líder religioso com prerrogativa de realizar rituais de cura e neutralização de feitiços lançados por inimigos. Na sociedade tupinambá, atributos como valentia e coragem eram caros, e intimamente ligados a antropofagia ritual. Ou seja, comer a carne do inimigo, de acordo com a crença tupinambá, permitia absorver as virtudes do mesmo.

Em uma sociedade colonial, erigida sob a égide do cristianismo não é difícil de

imaginar o rápido processo de hibridização as práticas religiosas dos indígenas, uma vez que “para que os índios melhor assimilassem a espiritualidade cristã, os missionários deixavam que os nativos adaptassem ao catolicismo outras características de sua religião consideradas não ofensivas a fé de Cristo.”(SILVA,1999:25)

A santidade, fenômeno do século XVI, é um exemplo claro da imbricação das práticas rituais indígenas com os ensinamentos católicos. O historiador Ronaldo Vainfas, ao estudar a manifestação, aponta para uma escolha conceitual relevante ao preferir o conceito de hibridismo ao de sincretismo religioso, no que diz respeito à união de traços católicos e religiões indígenas. De acordo com o estudioso, não podemos classificar como sincréticas, uma vez que as crenças não são dissolvidas ou fundidas. De acordo com essa perspectiva, não obstante a aglutinação várias práticas sócio-religiosas, estas podem ser diferenciadas entre si.

Após a leitura de produções acadêmicas específicas e de caráter teórico-metodológico, e realização de oficinas entre os professores da rede, buscamos desenvolver as aulas práticas, aplicando novas fontes e linguagens pertinentes ao tema que nos ocupa.

Em um primeiro momento, buscamos investigar os conhecimentos dos alunos acerca das religiões de matriz africana adquiridos no senso comum. Quando não ignoravam completamente a existência de tais cultos na cidade, surgiram os mais diversos depoimentos acerca da presença de praticantes de tais religiões, comumente identificados por eles como “macumbeiros”, e apontados, de forma geral, como agentes distanciados de uma “verdadeira religião”.

Após debates acerca de temas relacionados a tolerância e alteridade, apresentamos um breve histórico da formação do campo religioso no Brasil, e algumas das fontes produzidas ao longo dos tempos, como os poemas de Gregório de Matos (1633-1695), e trechos das crônicas de João do Rio. A partir de tais fragmentos, buscamos discutir questões como as representações das referidas práticas religiosas, em épocas diferentes. Da pena de Gregório de Matos, mais precisamente, extraímos material precioso para abordar a questão da circularidade cultural, e relativizar a idéia equivocada de que os ritos religiosos afro-brasileiros são ou foram práticas restritas a grupos isolados. O poeta ironiza: “Não há mulher desprezada/Galã desfavorecido/Que deixe de ir ao quilombo/Dançar o seu bocadinho.” (ISAIA, 2006:75).

As experiências aqui narradas estão longe de apresentar um resultado definitivo, ou um trabalho acabado. Não têm a pretensão de solucionar o patente descompasso entre os debates acadêmicos e a realidade da escola pública no Brasil. Buscamos, simplesmente, apontar para a possibilidade de construção de uma prática pedagógica calcada no binômio

ensino/pesquisa, e no estabelecimento de uma relação dialogal entre escola e universidade, sob a perspectiva de adoção de novas linguagens, e superação da mera reprodução das abordagens presentes nos livros didáticos disponíveis.

Bibliografia:

ASSUNÇÃO, Luiz. **Reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas: 2006.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: o rito nagô**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEE, 1997

DEL PRIORI, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988..

ISAIA, Arthur César (org). **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

João, do Rio. **As religiões do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MAGGIE, Yvonne. **Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NÓBREGA, Cida & ECHEVERRIA, Regina. **Mãe menininha do Gantois: uma biografia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathay (org) et al. **História Cultural. Experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

RODRIGUES, Nina. **O animismo feiticista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Fundação

SCHIMIDT, Mário Furley. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999. volume 2

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.